

# Fantástico e Imaginário: Reflexões Contemporâneas

Maria Zilda da Cunha

Ricardo Iannace

Lourdes Guimarães

Este sétimo número da *REVISTA LITERARTES* se atém a reflexões que se tecem entre o Fantástico e o Imaginário, considerando a necessidade precípua do homem em fabular. O imaginário, instância fabuladora e representativa capaz de organizar o real por meio de imagens, é lugar privilegiado para abrigar as reverberações do insólito nas suas múltiplas configurações, entre as quais o fantástico.

Se entre os séculos XVIII e XIX o fantástico exigia a presença de um sobrenatural que se materializava na figura do fantasma, localizando-se a causa da angústia no ambiente externo, em meados do século XIX será uma dimensão psicológica do humano que abrigará o fantástico — a angústia, então, passou a ser encontrada no interior do sujeito, e sua manifestação se daria por alucinações e pela loucura.

No século XX, “os fatos narrados são concebíveis somente na e pela narrativa” (BESSIÈRE, 1974, p. 13). Abarcando o universo da linguagem e por meio desta, o fantástico criará profunda incoerência entre os elementos do cotidiano; e a causa da angústia estará na falta de nexos, no surgimento do absurdo (CAMPRA, 2016, p. 141). Na contemporaneidade, o universo do fantástico tem revelado expressiva importância na configuração de narrativas que colaboram para representar ou questionar nossa própria realidade e a sociedade em que vivemos. No âmbito dos desafios impostos, leva o receptor a reconstruir — para compreender — o mundo híbrido e multifacetado em que vive.

É sabido que as exigências para elaboração dessa categoria estética tornam-se cada vez mais engenhosas, pelo fato de o novo leitor ser conhecedor das configurações antigas e, também, por vivenciar uma realidade que, constantemente, remete a fenômenos

sobrenaturais. O insólito que se define, em linhas gerais, pela irrupção de um fenômeno inquietante, perturbador, pode ser uma manifestação em termos de elementos da narrativa, bem como tratar de alguma fratura de “representação” referencial da realidade vivida pelos seres de carne e osso em seu real cotidiano. Na necessária relação do discurso fantástico com o discurso da realidade (ambos como construções), torna-se razoável perscrutar as manifestações do insólito e seus efeitos de sentido.

Não sem motivo, pelos desafios que propõe a uma inteligência astuta, o receptor jovem (de diferentes idades) tem revelado expressiva predileção por esse universo imaginário em que o insólito se manifesta com tamanha força.

Como manifestação estética, o fantástico e a constelação do insólito, com seu manto subterfugioso de ilogicidade, ao dar vazão ao sinistro e à magia, configuram objeto principal de análise nas páginas que seguem.

Se a sexta edição deste periódico se propôs a homenagear o contista Murilo Rubião (1916-2016), aproximando-o de escritores que também apostaram em relatos da esfera do inverossímil, desdobram-se, agora, ainda mais as abordagens com vistas a enredos marcados pela cesura e fratura do real.

O horizonte de expectativas que se abre aos estudiosos contemporâneos admite a apreensão do passado com as lentes da atualidade. Os pressupostos teóricos emergentes vêm, de fato, colaborar na investigação tanto da prosa de autores como E. T. A. Hoffmann (1776-1822), Edgar Allan Poe (1809-1849) e Bram Stoker (1847-1912), quanto na inquirição de tramas de mesma linhagem erigidas por ficcionistas emblemáticos do século XX, como Franz Kafka (1883-1924) e Jorge Luis Borges (1889-1986). A propósito, a matéria verbal e os recursos estilísticos que respondem pela constituição e dinâmica dessas últimas tessituras confiam novos matizes ao estatuto do estranho e do onírico, e projetam uma gramática na qual irrompem arranjos e experimentos sintáticos intencionalmente caóticos, mimetizando o processo escritural.

Postulados sobre essa literatura do surpreendente reconhecem, nas intrigas, gradações de sobrenaturalidade. São reavaliados o *lugar* e a *hesitação* do leitor nesses constructos ambivalentes, tomados de incerteza. Há consenso de que, no curso do tempo, mudam (se não oscilam) os paradigmas geradores do medo e do horror, conforme as

crenças arraigadas nas comunidades; isto é, segundo os dogmas que identificam as culturas locais.

Os artigos aqui reunidos mostram-se vigilantes a tudo isso. Os textos examinados pertencem a escritores expressivos no cânone da literatura do insólito: J. R. R. Tolkien (1892-1973), C. S. Lewis (1898-1963), José J. Veiga (1915-1999), Anne Rice (1941) e Augusta Faro (1948). Paralelamente à questão do duplo e do soturno, as análises acenam à representação do feminino, à mitologia e à feitiçaria, ao imaginário medieval, ao burlesco e ao satírico. A palavra escrita é, no plano intersemiótico, cotejada com a *performance* audiovisual, expandindo o diálogo para a adaptação cinematográfica. Aliás, *Once Upon a Time: da literatura para a série de TV* (2016), livro da professora Sandra Trabucco Valenzuela, recebe resenha neste número da revista: perscruta os contos de fadas em seu traslado para seriado de televisão dirigido ao público adulto.

Precedem esses estudos, na seção de abertura, as entrevistas concedidas pelo ensaísta espanhol David Roas, autor, entre outros títulos, de *La amenaza de lo fantástico: aproximaciones teóricas* (2013) ["As ameaças do fantástico: aproximações teóricas" (2014)], e pelo tradutor juramentado em língua portuguesa da obra de Tolkien, Ronald Krymse.

As questões que os professores Flavio García e Marisa Martins Gama-Khalil dirigem a David Roas são inteligentemente provocadoras — resultam sobretudo em uma conversação criteriosa entre três notáveis especialistas da vertente do fantástico. Eis uma das inferências enunciadas pelo entrevistado espanhol: "[...] mientras lo fantástico se articula mediante la inquietante irrupción de lo imposible en un mundo semejante al del receptor, lo maravilloso apuesta por la creación de un mundo autónomo gobernado por unas reglas de funcionamiento radicalmente diferentes a las de la realidad empírica". Não menos enriquecedor é o pronunciamento de Ronald Krymse, em resposta às certas indagações da pesquisadora Cristina Semmelmann. Este é um dos apontamentos do tradutor de Tolkien: "[...] É claro que a criação de mitos não é exclusividade de Tolkien. Borges, por exemplo, era exímio nessa arte. Mas o próprio objetivo que Tolkien se propôs — criar uma mitologia para a Inglaterra, que lhe parecia singularmente desprovida de mitos próprios, não importados, aos quais seus conterrâneos pudessem se referir — o torna singular."

No tocante à capa desse sétimo número da *LITERARTES*, a imagem é de autoria de Jessica Ribeiro Bombonato. Em técnica de pintura digital, um portal sugestivamente conecta a realidade à fantasia. No lago espelhado para o qual se voltam os olhos de uma menina, submerge um dragão. A cena não é ameaçadora; traduz acima de tudo contemplação. Entulhos e capim orlam essa paisagem aquática. Nesse belíssimo quadro, em tons predominantes de marrom e verde, estão esculpidos, ao fundo, arranha-céus envolvidos em névoa enigmática. Segundo a ilustradora, a inspiração para a composição origina-se da leitura do livro *O sobrinho do mago*, de C. S. Lewis; na narrativa, personagens mirins são levadas a bosques e ali assistem à criação de Nárnia.

Uma proveitosa leitura a todos!